



AUTOFORMAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: da (im)possibilidade da reinvenção sem cuidado de si

Resumo

O que cabe aos educadores em tempos de distanciamento social, reconfiguração das noções de normalidade, presença e temporalidade? A insurgência de outros cotidianos impele a uma ruptura com a fragmentação da vida e dos espaços em que se desenvolve a vida. A educação, o ensino e demais processos do âmbito da escolarização passam por transformações significativas, levando a uma desconstrução dos parâmetros educativos estabelecidos. Ademais, o cuidado se torna central às relações, inclusive educativas, e, a (auto)formação se torna um eixo de (im)possibilidade se pensada por um viés estritamente tecnológico e mecanicista. Assim, este artigo tem por objetivo refletir sobre o impacto da pandemia na docência com especial atenção à autoformação docente, e à noção de cuidado de si em Foucault (2006), destacando a necessidade de um olhar cuidadoso e crítico para o contexto escolar contemporâneo. Concluiu-se que as necessidades de reinvenção e fluência tecnológica estabelecidas para educadores e estudantes em todo o território nacional têm assumido um compromisso com a manutenção de códigos que não cabem nesse novo tempo, exigindo o cumprimento de relações puramente burocráticas em detrimento de uma abertura de possibilidade ao novo, ao pensar uma educação que produza sujeitos mais sensíveis ao sofrimento humano, cuidadosos com a ciência e com a preservação do humano nas relações.

Palavras-chave: Pandemia. Cuidado de si. Educação. Escolarização. Autoformação.

ENSEÑANZA DE LA AUTO FORMACIÓN EN TIEMPOS PANDÉMICOS: la (im)posibilidad de reinvencción sin autocuidado

Resumen

¿Qué les corresponde a los educadores en tiempos de distancia social, reconfigurando las nociones de normalidad, presencia y temporalidad? La insurgencia de otra vida cotidiana conduce a una ruptura con la fragmentación de la vida y los espacios en los que se desarrolla la vida. La educación, la enseñanza y otros procesos dentro del alcance de la escolarización experimentan cambios significativos que conducen a la desconstrucción de los parámetros educativos establecidos. Además, la atención se vuelve central para las relaciones, incluidas las educativas, y la (auto) capacitación se convierte en un eje de (im)posibilidad si se piensa a través de un sesgo estrictamente tecnológico y mecanicista. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el impacto de la pandemia en la enseñanza, con especial atención a la capacitación personal de los docentes y la noción de autocuidado en Foucault (2006), destacando la necesidad de una visión cuidadosa y crítica de lo contemporáneo. contexto escolar Llegó a la conclusión de que las necesidades de reinvencción y fluidez tecnológica establecidas para educadores y estudiantes en todo el territorio nacional han asumido un compromiso con el mantenimiento de códigos que no encajan en este nuevo tiempo, exigiendo el cumplimiento de relaciones puramente burocráticas en detrimento de una apertura a la posibilidad de nuevo, al pensar en una educación que produzca temas más sensibles al sufrimiento humano, cuidadosos con la ciencia y con la preservación de los seres humanos en las relaciones.

Palabras-clave: Pandemia. Cuidados personales. Educación. Enseñanza. Autoentrenamiento.



TEACHER SELF-EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC: the (im)possibility of reinvention without self-care

Abstract

What is up to educators in times of social distance, reconfiguration of the notions of normality, presence, and temporality? The insurgency of other everyday life leads to a break with the fragmentation of life and the spaces in which life develops. Education, teaching and other processes within the scope of schooling undergo significant changes, leading to a deconstruction of the established educational parameters. In addition, care becomes central to relationships, including educational ones, and (self) formation becomes an axis of (im) possibility if thought through a strictly technological and mechanistic bias. Thus, this article aims to reflect on the impact of the pandemic on teaching with special attention to teacher self-training, and to the notion of self-care in Foucault (2006), highlighting the need for a careful and critical look at the contemporary school context. It concluded that the needs of reinvention and technological fluency established for educators and students throughout the national territory have assumed a commitment to the maintenance of codes that do not fit in this new time, demanding the fulfillment of purely bureaucratic relations to the detriment of an opening of possibility to the new, when thinking about an education that produces subjects more sensitive to human suffering, careful with science and with the preservation of the human in relationships.

Keywords: Pandemic. Self-care. Education. Schooling. Self-training.

INTRODUÇÃO

É esse diálogo entre o que pulsa dentro de nós e o que pulsa dentro do mundo que torna a vida almada. No tempo em que vivemos, não é o combate e a luta perversa com os outros que nos tornará seres humanos melhores. Podemos nos fortalecer na negação da história do outro, mas estaremos ao mesmo tempo cavando o próprio fim. Um mundo desalmado, que torna a vida banal, e o mal, seu grande arquétipo é fadado à destruição (CELÓRIO, 2018, p. 93).

Chegamos enfim ao limiar da normalidade, é preciso refazer os limites e reinventar o cotidiano sem que a mecânica das necessidades de um outro tempo, que já não se faz possível e, quem sabe se se fará novamente nos direcione para uma interpretação cênica do cotidiano perdido [fragmentado]. Enquanto assistimos à fragmentação da noção de normalidade a insurgência de outros cotidianos nos impele a uma ruptura com uma fragmentação da vida e dos espaços em que se desenvolve a vida.

Nesse novo cotidiano, não é apenas a noção de fragmentação que se faz perigosamente dualista, abrigando-se em ambas as frentes, mas também a noção de tempo se torna uma armadilha – não apenas linguística. Isolados, a noção de tempo se desfaz, a noção do tempo marcado pelo ritmo da escola, com seus tempos-espacos para praticamente tudo, o tempo de chegar e o tempo de partir, o tempo de estar em cada turma, o tempo de permitir brincar e o tempo de proibir, o tempo de agir e o tempo de descansar: todos os tempos parecem ter sumido.

Parece (falsamente) que temos, se fosse possível tê-lo, todo o tempo do mundo. Porém, os dias acabam e ainda há uma enorme lista de tarefas a sobrecarregar ainda mais a vida em tempos de pandemia. O tempo no isolamento é conduzido por um hábil ilusionista



que não deixa perceber que o tempo de aprender e criar outras formas de viver não é o mesmo do relógio.

Assim, vamos percebendo um tempo que nos sufoca, desassossega, expande e encolhe em ritmo novo, difícil de acompanhar. Já faz um mês, dois ou cinco que o mundo parou. Parou? Há dias que comportam um ano, um ano escolar para sermos mais exatas.

A vida deveria estar mais simples, com novas leituras de mundo, novos propósitos de fraternidade e cuidado consigo e com os outros que reverberam em nós. Afinal, somos seres plurais, constituídos de todos os outros seres, criados com as mesmas fragilidades biológicas e comportamentais, tememos o novo e estamos acuados diante do perigo de contaminação da mesma maneira.

O lar – para os que o tem – é refúgio e prisão. O que aprisiona não são as paredes e construções, tampouco as políticas de isolamento: são os arquetípicos que aprisionam em seus saberes-fazeres, seus rituais instituídos, suas burocracias e biopolíticas, suas tentativas de linearidade.

Das muitas expectativas que se interpõem à docência, a capacidade de reinvenção nesses tempos de isolamento social tem se destacado. Não apenas como uma função necessária à nova ordem social que por hora nos é imposta pelo bom senso de autopreservação e cuidado de si, mas também como uma nova face da inquisição social: o bom professor é capaz de se reinventar – mesmo que a esse mesmo sujeito professor – se passem todas as prerrogativas de saúde e sofrimento que a privação de liberdade e o temor da doença impõem aos demais. A saúde mental passa longe de muitas discussões e a competência é medida pelo número de vídeos que produzimos em um dia.

Afastados do convívio escolar, muitas vezes com abatimentos salariais, sem as condições tecnológicas que exige o momento, sem o devido preparo os professores são convidados, à força, a concretizarem uma metamorfose de pensamento, práticas e perspectivas. Como articular o que é preciso para dar aulas virtuais com os salários atrasados e/ou reduzidos, com as contas chegando à porta da mesma maneira que antes e com o medo da incerteza do futuro sentada ao seu lado?

Mudanças no sistema de valores econômicos e éticos entram em confronto com as necessidades de dignidade humana e revelam uma angustiante frustração com os rumos que se dá ao ser docente. Não apenas diante da falência dos modos tradicionais de ensinar, mas diante da falência de valores que nos permite aceitar, com certa naturalidade, pais e mães fartos do cuidado de seus filhos clamarem pela reabertura das instituições escolares apesar do risco iminente a seus filhos e aos profissionais da educação e demais partícipes da sistemática escolar.

Criar caminhos é uma condição importante para se pensar a readaptação às novas formas de ensinar/aprender, visto que para continuar a ensinar, agora mais do que nunca, faz-se necessário aprender. São tantos os aprendizados necessários: aprender a navegar nesse novo tempo que se institui fora do cotidiano, a superar as imensas expectativas coletivas de retorno a algo que concordávamos já estar falido, a controlar a ansiedade que a incerteza gera. Também precisamos aprender a nos articularmos em redes, redes reais de pessoas com o mesmo propósito educacional; precisamos aprender a lidar com as implicações econômicas, sociais, psicológicas e morais que esse tempo requer; e acima de tudo exige perceber que a inteligência que o docente necessita ter não é só acadêmica, racionalista, científica e/ou tecnológica – ela tem de ser humana, dotada de alma e de sensibilidade.

Este tempo que nos acomete pode ser sim o tão esperado tempo de mudança que ansiávamos no âmbito educacional, aquele em que a fragilidade estrutural da escola



tradicional, com suas perspectivas de séculos passados finalmente ruiria e de seus fragmentos e rachaduras novos horizontes de possibilidades teriam enfim espaço de vida. “Não podemos voltar às coisas como elas estavam. Mas podemos avançar para o novo ao criarmos, utilizando os alinhamentos/materiais da nova desordem/ordem (BERRY, 2014, p. 254).”

E se essa for a hora de sairmos em busca de outros horizontes de ideias e práticas educacionais? E se pudermos criar uma docência por desejo? Se pudermos insurgir outros nessa sociedade que nos vê como depositários de saberes e crianças? O que mais podemos ser? Será que teremos outro espaço-tempo de nos reinventarmos? Não como urge as problemáticas do capitalismo e do neoliberalismo, mas como urge o saber docente. “Não há, portanto, adaptação e nem readaptação a nada, mas revolta contra a injúria de um tempo estéril de fecundidade amorosa e de desrespeito por aquele que é responsável pela educação escolar dos nossos filhos (CELÓRIO, 2015, p. 109).”

Vê-se surgir na mídia e nas instruções a professores e mestres o arquétipo do professor do futuro – o qual deve se apresentar já no presente: este deve dominar tanto conteúdos quanto ferramentas tecnológicas; deve ser criativo e envolvente. Em suma, a docência do futuro/presente em pandemia quer e requer inteireza – não há mais separação entre mundo do trabalho e mundo pessoal – toda a hora é hora e as ferramentas M-learning estão aí para serem usadas; requer também retidão – um rigor de condutas que não possibilite distorções no pensar pedagógico ou rupturas, impossibilitem assim a reinvenção; e, fluência, digital, social e linguística que o tornem onipresente a cada estudante.

O imediatismo com que se requer esse “novo” ser docente, para além da situação, é um reflexo do imediatismo que vivenciamos na sociedade. Inúmeras empresas ligadas aos setores privados investiram imediatamente em vender/ofertar formações instantâneas em educação conectada, plataformas EAD, aulas digitais, mecanismos de controle a distância, manuais que prometem alavancar a carreira docente e a enfrentar essa crise – nova – com raízes tão profundas nas mazelas sociais que constituíram a história latinoamericana. A oferta de “auxílio” imediatamente vendida, por alguns setores, inibe o processo natural de transição entre o ensino tradicional, presencial, centrado no professor, controlado de inúmeras formas: da presença física à imobilização do corpo, e o novo que poderia surgir. Oferta-se apenas um novo formato: o ensino on-line como única forma passível de planejamento e investimento.

Pode-se conceber o ensino on-line enquanto novidade e futuro? É apenas de tecnologia que nosso ensino carece? Se olharmos um pouquinho para trás, veremos programas educacionais firmados com os EUA a partir da década de 50 como o PABEE (Programa Brasileiro-Americano de Ajuda ao Ensino Elementar, 1956-1964) e o projeto de teleducação SACI/EXERN (Experimento Educacional do Rio Grande do Norte) os quais postulavam oferecer o ensino elementar através da tecnologia disponível na época: satélites, televisão, rádio e computadores.

O exemplo do PABEE é interessante porque reúne alguns elementos essenciais da tendência que acabará se impondo na década seguinte: importação e “nacionalização” dos modelos educacionais norte-americanos, presença de especialistas estrangeiros, planejamento e “modernização” do sistema escolar com vistas a uma mudança favorável ao desenvolvimento sem tocar nos problemas da estrutura social (SANTOS, 1981, p. 57).

Além dessas iniciativas tem-se a criação em 1995 do Centro Nacional de Educação a Distância e na década seguinte (2005) um decreto que caracteriza a especificidade da



educação à distância, Decreto nº 5.622¹, de 19 de dezembro de 2005. O ensino mediado por tecnologia e a distância tem crescido muito nas últimas décadas e já é uma realidade consistente para o Ensino Superior, por exemplo, sendo, neste nível de ensino, considerado enquanto possibilidade aqueles sujeitos que por condições econômicas ou geográficas não poderiam fazê-lo de outra forma.

Mas a proposta que se consolida neste momento se direciona à toda a Educação Básica, incluindo modalidades como a Educação Infantil, o ensino de jovens e adultos (EJA), escolas Rurais e do Campo, situadas em territórios Indígenas e Quilombolas. Terão esses estudantes a mesma organização, condições tecnológicas e maturidade que um adulto que realiza uma graduação? Certamente que não. Tampouco estão todos os educadores, em sua diversidade formativa, preparados para tal intento. Estudos sobre a estatísticas dos professores no Brasil, produzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira² (Inep/MEC) e pelo Observatório do plano Nacional de Educação³ (OPNE) têm mostrado há anos disparidades formativas entre as regiões do Brasil, enquanto algumas regiões contam com um número expressivo de mestres e doutores na Educação Básica; em outras, boa parte dos educadores nem sequer possuem graduação e/ou um espaço adequado à execução de seu trabalho, tendo por cenário barracões improvisados ou até mesmo lecionando a céu aberto.

Este ensaio está longe de tecer uma crítica aos avanços tecnológicos, eles são parte deste mundo, deste tempo, e são já necessários aos nossos modos de ser, pensar e simbolizar o mundo, no entanto, apresentá-los como a nova Arca de Noé, parece-nos um tanto reducionista das condições de possibilidade que a educação possui. O ensino mediado por tecnologia e a distância é sim uma possibilidade, mas que necessita ser reconfigurada antes de ser ofertada a todo e qualquer nível e modalidade de ensino. Nesse sentido, sentimos falta de discussões que proponham aos educadores pensar, qual o espaço de cuidado de si que esse novo modelo de educador oferece, se o oferece. Como podemos pensar a saúde biológica e mental de docentes e discentes nesse período de incertezas? Como fazer dialogar com as tecnologias com os saberes da experiência, da vivência comunitária, do afeto, do acolhimento, da presença – não só física. Enfim, são muitas dúvidas que nos atravessam nesse período, e o imediatismo de cursos e propostas simplistas não nos proporcionam condições e tempo para pensar, em outros âmbitos, o ser docente e seu agir. Como podemos cogitar algum tipo de reinvenção docente sem postas em discussão as necessárias práticas de cuidado de si e do outro? Para isso e por isso nas linhas a seguir propomos algumas questões sobre essa relação do cuidado de si e à docência no período de distanciamento social e escolas físicas fechadas.

DA RELAÇÃO ENTRE A NOÇÃO DE CUIDADO DE SI E A PANDEMIA

¹ Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.” (BRASIL, 2005).

² Disponíveis em http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/estudo-mostra-situacao-do-professor-brasileiro/21206. Consultado em julho de 2020.

³ Disponível em: OPNE – observatório PNE. Formação dos professores. <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metras/15-formacao-professores/indicadores>. Consultado em: 27 de julho de 2020.



Em tempos de pandemia vemos surgir e operar novos e antigos dispositivos de biopolítica, controle e normalizadores das subjetividades que afetam diretamente as possibilidades de cuidado de si e de reinvenção dos sujeitos docentes. Novas práticas, novas ferramentas, novos contextos emergem. Os desafios mudaram ou se apresentam com novas intensidades. Não vemos nossa sociedade da mesma forma, alguns aspectos são potencializados e outros passam a segundo plano.

A noção de cuidado de si que empregamos, parte do emprego foucaultiano do termo, segundo o qual “trata-se, em suma, de partir em busca de outra filosofia crítica: uma filosofia que não determina as condições e os limites de um conhecimento do objeto, mas as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do sujeito” (Foucault, 2006, p. 475). No campo educacional, pode-se utilizar dessa noção proposta por Foucault na direção de pensar e ressignificar os dilemas da condição humana exacerbados em uma estética da existência em pandemia e, seus atravessamentos na formação dos educadores e dos estudantes. O cuidado de si quando acolhido como abertura do pensamento à pluralidade, à diferença e à experiência formativa na formação dos sujeitos instiga um cuidado sobre si também nos alunos, perspectiva muito necessária ao desenvolvimento de uma ética de saúde coletiva. Nesse sentido, o cuidado de si é um exercício formativo.

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem (FOUCAULT, 2009, p. 56-57).

Foucault, através do estudo do conceito de cuidado de si, discute alguns outros conceitos intercambiantes das relações humanas, que afetam a própria constituição dos sujeitos e que ganham uma dimensão de relevância neste momento, são estes: as práticas e exercícios de liberdade; as questões da estética da existência; e a atenção necessária para lidar com as funções políticas.

Esta noção de cuidado de si se relaciona à problematização das práticas e exercícios de liberdade, em alguma medida, mobilizados pelas restrições requeridas pelo período de isolamento, mas que apresentam problemáticas mais complexas. Citamos, por exemplo, como a noção de cuidado de si é afetada pela ausência de liberdade imposta por uma sobrecarga de horas de trabalho. A docência passa a ser contínua, não há mais tempo de trabalho e tempo de lazer, tempo do poético e tempo do prosaico, tempo do banal, do profano e do sagrado. Os tempos se misturam, se mesclam, se envolvem e, a docência, mais do que nunca, permeia a vida cotidiana do docente em distanciamento social. Não que seja o tempo um determinante da ausência de cuidado, mas a ocupação de um tempo que o sujeito poderia utilizar para reinventar sua relação consigo, com seus estudantes e com sua docência é uma prática de sujeição, a qual se opõem ao cuidado sobre si proposto por Foucault.

Ao mesmo tempo, vemos surgirem novas estéticas, novos códigos de comportamento, novas relações de consumo, outras perspectivas de ser. Em sua discussão original, a estética surge para o autor como dispositivo no qual relaciona a vida a uma obra de arte. Hoje, será que poderíamos encontrar a arte nessa nova vida mecanizada e



amedrontada? A própria docência quando encarada como uma lógica educacional de cuidado com a vida, de acolhida à pluralidade de sujeitos apresenta potências tanto éticas quanto estéticas para isso.

A noção de cuidado de si oferece ainda condições de análises das práticas e discursos políticos instituídos tanto para evitar a disseminação da doença (COVID-19), gerenciar as práticas de saúde e atendimento, quanto para organizar as atividades laborais, tais como as atividades docentes. O termo apresenta grande potencial para a problematização das políticas de isolamento no contemporâneo, pois ao passo que o enfrentamento à doença ganha espaço, com ela, também, ganham espaço dispositivos de verdade e de biopoder, discursos de controle e que autorizam a interferência do Estado na vida privada dos sujeitos, incidindo na instituição de práticas que: não impulsionam os sujeitos a uma tomada de responsabilidade diante do cuidado consigo e com os demais, mas que descaracterizam essa possibilidade de cuidado aos sujeitos e atribuem ao Estado todo o poder de verdade e direcionamento.

Assistimos à pandemia em seu avançar e devastar, desde seu reconhecido surgimento no ano de 2019, em detalhes e, em tempo real. A vida dos sujeitos acometidos deixa de ter importância, é a sua agonia e morte que prendem o olhar, a atenção e inflam as estatísticas. A dor de familiares, a agonia de pacientes, a desolação de equipes médicas e a fragilidade dos SUS vão ocupando espaços em nossos cotidianos e por isso, se tornam banais. Mas será por conta desta banalização que percebemos estar em uma sociedade em que os corpos europeus mortos nos chocavam infinitamente mais que os conterrâneos? Uma leitura dessa situação certamente se relaciona à excessiva exposição a um mesmo conteúdo, outra nos leva para um sentido ainda colonizado, que nos coloca enquanto corpos que valem menos. Corpos habituados ao sofrimento, às filas para atendimento médico, à invisibilidade, a serem números em estatística e serem espetacularizados.

Nesse período, também se banalizam as ações de governos, distantes e próximos, em suas incursões sobre as populações. Da classificação dos indivíduos em grupos de acordo com a possibilidade de contágio, a vigilância policial sobre possíveis deslocamentos, o acesso sobre dados de geolocalização, as tecnologias de reconhecimento facial e pessoal, a sobreposição de leis e normas, ao emprego de técnicas de guerra: tudo em nome de frear o contágio. Mas impossível não relacionar o cotidiano imposto pela pandemia e a transformação dos recursos digitais em dispositivos de disciplina e controle da população ao panóptico e à Cidade Pestilenta de Foucault (1987).

Vemos as ruas repletas de sujeitos negando a presença do anormal, repetindo frases prontas disparadas intencionalmente para causar o caos; assistimos a ciência em sua fragilidade ser derrubada dia após dia por fake News e discursos de ódio. Que educação livre, democrática e que quer ser esperança é essa que permite estar a ciência, o estudo, a pesquisa, a seriedade em lugar tão mal visto?

Qual o real papel dos educadores em tempos que mensagens de WhatsApp influem mais que suas aulas? O que faremos agora em que se crê serem todos os livros enganosos e, as mensagens instantâneas sem fontes e de conteúdo beirando o absurdo tidas por fonte de estudo e base de argumentos? Devemos seguir agindo da mesma forma, também nós negando que temos sim alguma responsabilidade sobre as escolhas da população? ou este tempo de crise em todos os setores da vida está nos mostrando que estamos em uma crise há muito tempo?

Apontamos para o entendimento do conceito de cuidado de si como modo possível de reinvenção docente no contexto descrito. Estamos em uma grande crise ética que apenas foi acentuada e confrontada pela pandemia. Nossa educação está fragilizada há bastante



tempo, são muitas as prerrogativas e soluções que se apresentam sem que haja mudança verdadeiramente. Precisamos estabelecer valores para a docência, e não defendemos aqui a retomada de valores ditos tradicionais, de orientação religiosa ou de versões anteriores de nossa sociedade pautados na rigidez do disciplinamento e na obediência. Antes disso, valores éticos de comprometimento com a vida. Apoiar a ciência médica, a preservação dos recursos naturais, a democratização do acesso às condições de uma vida digna a todos, por exemplo, são cuidados com a vida. É preciso que a formação humana na contemporaneidade tenha coragem de iniciar um movimento bastante complexo de saída de si (das práticas pedagógicas anteriores), de artesanaria de si em busca de outros modos de pensar-se e a suas ações (autoformação), para através dessa experiência, em si formativa, se possa instituir uma outra estética de cuidado sobre si e sobre os outros. Tenhamos, assim, uma estética da existência para o cuidado.

DO CUIDADO À AUTOFORMAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE REINVENÇÃO

O ato de cuidar de si pressupõe consciência de si, consciência do outro, consciência da vida em sociedade, da vida privada, das limitações dos tempos de agora. Repensar os nossos espaços de vivência, marcados pelo isolamento social, se torna um desafio de cuidado. Como manter a saúde, as relações, as práticas docentes em meio ao caos que permeia nossos dias? E, como o professor pode buscar, minimamente, articular todos os desafios de cuidar de si com as políticas que emergem como alternativas, como soluções, mas que não passam de um modo de mascarar a fragilidade e a limitação do virtual?

A sala de aula física, e os rituais de ensino como os conhecemos não correspondem às exigências desse novo tempo. E, nesse momento reinventar a docência requer cuidado para que não se perca o humano nas relações de ensino. A fala, a proximidade, o acolhimento às individualidades, a valorização do humano levanta-se como bandeiras centrais à reinvenção docente. As mídias e ferramentas de interação potencializam o contato, mesmo que de modo extremamente superficial, em tempos de caos. Porém, para além das restrições impostas pela pandemia, as relações, o acolhimento ao outro, o olhar para a diferença deve permanecer e se reinventar também. Se podemos estar fisicamente junto ao outro sem percebê-lo em suas singularidades, sem dar voz a ele, também, podemos ser sensíveis e acolhedores a distância, mediados por tecnologias ou não. A demonstração das nossas fragilidades biológicas, econômicas e psicológicas vêm para potencializar o encontro entre humanos, o olhar nos olhos, o aprender com o outro, junto ao outro, na troca e na inter-relação com o outro.

Inúmeras políticas e estratégias emergenciais colocam as ferramentas midiáticas como a solução do processo de ensino e de aprendizagem em tempo de COVID-19. E, de fato, elas são eficientes em contextos sociais em que docentes e estudantes estão inseridos nos espaços luminosos, como diria Milton Santos⁴ (2006). Todavia, nos espaços opacos, as

⁴ O autor destaca que os espaços luminosos são aqueles dotados de fixos e fluxos que permitem dinamicidade aos espaços, bem como fluidez de pessoas, dinheiro e informação. Aponta que as redes e as verticalidades do espaço, isto é, sua hierarquia, seus fixos e seus fluxos são o que diferenciam e permitem a existência de diferentes racionalidades e temporalidades, mas também de contiguidades. Essa noção de racionalidade do espaço emerge das condições do mundo capitalista contemporâneo, como também suas interfaces na própria constituição dos territórios, isto é, nos diversos aspectos da vida econômica, social, política e cultural, evidenciando que o lugar tem papel central nessa dinâmica (SANTOS, 2006).



luzes das videoaulas permanecem tão apagadas como as chamas do fogão que não mais alimenta, que não nutre o corpo e nem a alma. A pobreza que marca os distintos contextos de nosso país requer alternativas, outras dinâmicas para o ensino e aprendizagem, para que não acentuemos ainda mais as distâncias entre os que comem e os que não dormem, por medo dos que não comem (SANTOS in TENDLER, 2006).

Reduzir as desigualdades e as lonjuras a serem percorridas no âmbito educacional é primordial em tempos de COVID-19. Não se pode pensar em meritocracia, precisamos encarar aqueles que sobrevivem à fome, à ausência de perspectivas de cuidado, à falta de acesso ao mínimo, e ajudá-los não só a aprender as diferentes áreas do conhecimento, mas a reinventarmos um país mais justo, equânime e humanitário. Possivelmente, nossa geração de educadores nunca esteve tão distante de ensinar o que o currículo prevê, pois certamente nunca possuímos um desafio tão grande para enfrentar: o de reinventar uma docência longe do espaço escolar tradicional e que nos ajude a superar as desigualdades sociais.

Por outro lado, nunca aprendemos tanto. Os conhecimentos necessários à vida não são exclusivamente os pedagógicos, os previstos nas longas listas de conhecimentos a serem abordados em aula. Temos tido, aqueles que tem olhado com sensibilidade a seus estudantes e suas condições de vida, oportunidades de aprender o valor da vida, o valor do cuidado de si, da necessidade de se relacionar com o outro, do convívio, do respeito às relações. Aqui, percebemos que o processo de escolarização, que ainda é muito importante, apesar de precisar ser repensado de forma cada vez mais intensa, não é a única forma de saber, de aprendizagem, de comprometimento com a vida em sociedade. Aprendemos, também, que as desigualdades sociais, mais do que nunca, precisam ser combatidas, pois a vida do topo e da base da pirâmide social estão entrelaçadas. Não estamos saudáveis se os demais não estiverem. Precisamos atuar na coletividade. E aí, pensar a educação escolar vai além do dar acesso ao conhecimento. Todas essas aprendizagens citadas se situam no âmbito da autoformação, pois é muito particular da experiência formativa e de cuidado sobre si de cada um.

Autoformação através da noção de cuidado de si, que defendemos ser necessária, não é antagonista ao ensino mediado por tecnologias, e não se trata aqui de resistência ao novo, de não querer se adaptar a mudanças, e interagir nas redes midiáticas (e não sociais como defende BRUNO LATOUR, 2012), ao contrário. Trata-se de ter consciência e cuidado com o próximo. Trata-se de saber que existem ao menos Quatro Brasis (SANTOS; SILVEIRA, 2001), quatro contextos extremamente distintos, que mesmo em cidades médias como Santa Maria- RS⁵, na mesma sala de aula, há alunos com acesso às mídias e outros que não sabem nem ligar um computador. Como vamos ensinar esses últimos com uma videoaula? Faremos videoaulas sobre como ligar um computador para alguém que não conseguirá acessá-la por falta de conhecimento ou de infraestrutura?

Pensar a educação apenas como acesso a conteúdos é uma mistura de ingenuidade com desonestidade intelectual. Quem minimamente conhece a realidade da maioria das cidades brasileiras - sabe que adotar aulas virtuais como única alternativa a docência em

⁵Segundo Spode (2020), a cidade média de Santa Maria se revela como uma cidade com expressivas desigualdades socioespaciais, desempenhar papel de centro regional no contexto da rede urbana estadual do Rio Grande do Sul. São inúmeros os problemas relacionados à pobreza, como é o caso das ocupações irregulares, sobretudo nos bairros periféricos com elevada Privação Social (Índice de Privação Social - IPS) que não dispõe de acesso à saneamento, escolarização adequada, redes de comunicação, entre outros pontos que compõem o IPS (SPODE, 2020).



tempos de Coronavírus é condenar uma grande parcela da população a uma exclusão ainda mais intensa do saber mínimo que se espera da escolarização.

Com todas essas questões levantadas, pensamos que a educação não pode ser pensada a partir das soluções rápidas que já existem nos tempos atuais. É tempo de desconstrução e reinvenção, mas em outra perspectiva. As mídias por si só não podem se colocar como única forma de acesso ao saber, sem uma ética de cuidado não dão conta nem de ensinar conteúdos, tampouco educar. E afinal, por que nossa sociedade que condena tanto a escola pública – principalmente – requer de governantes e de professores o cumprimento de toda a burocracia que compõem um ano letivo?

Espera-se que o professor se transforme em youtuber e com isso garanta a aprendizagem dos estudantes. Apesar de sabermos que a aprendizagem depende de inúmeros fatores e não está garantida mesmo em sala de aula. O aluno atrás da tela, mesmo que interagindo, não terá suas distintas inteligências motivadas. Muitos são alfabetizados em mídias (clacam em botões), mas não são (multi)letrados (sabem o que fazer com isso), como já constatado por Feltrin e Batista (2017). Usar mídias para rolar o feed do Instagram® ou do Facebook® é extremamente diferente de utilizar com propriedade um Word® ou Excel® para um trabalho escolar, por exemplo. Caímos assim em um grande dilema: como o docente vai mediar todas essas problemáticas da sala de sua casa? Não é esse tipo de reinvenção e autoformação que propomos.

A autoformação docente a que nos referimos se relaciona a uma postura crítica e política frente ao ato de ser professor. Estaremos nós reproduzindo os discursos salvadores, escritos em tábulas rasas, ou repensaremos o nosso ser, a nossa sociedade, os contextos socioespaciais do nosso país? A autoformação, aqui, é entendida como uma produção de si próprio, coletiva e subjetiva e, que engloba a escolha por uma postura profissional (ativa ou não) diante das situações escolares e, também, das políticas públicas educacionais que vemos surgir no contemporâneo.

É a vivência profissional, a experiência, a interação com os conflitos que possibilitam ao docente encontrar uma ética profissional coerente com as condições de possibilidade de sua atuação. Ou seja, a produção de sentido à docência se dá através das experiências e é mediatizada pelas especificidades do meio em que se dá. A relação da docência com a pobreza, com a violência, com as novas tecnologias, com o aprisionamento, com a vulnerabilidade social, entre tantos outros fatores, influência de maneira significativa as possibilidades de autoformação, pois estimula a transformação da formação inicial para melhor interagir com as necessidades que a experiência apresenta (FELTRIN; BATISTA; BECKER, 2017, p. 4).

Se a COVID-19 não for capaz de nos fazer ver o outro como central à nossa vida, as desigualdades sociais como o maior problema a ser combatido e mitigado e a valorização da vida como princípio primordial da existência humana, estaremos fadados à extinção. Extinção que não virá de um meteoro ou do próprio Coronavírus, mas sim da ganância e do egoísmo humano. A pandemia nos chama a adotar uma postura efetivamente humana que até hoje não sabemos ter.

Essa busca por uma nova postura docente exige de nós o cuidado conosco, cuidado com o outro, o repensar as necessidades educacionais e demonstra a imprescindibilidade de reinventarmos uma ética educativa pautada por valores de cuidado com a vida, com o respeito à pluralidade e à diferença, inclusive social e econômica. De produzir



conhecimentos que realmente nos levem a entender a necessidade de intervir no mundo com solidariedade, responsabilidade e criticidade. Pensar a nossa própria formação docente, por esse viés, surge como uma potencialidade de reinvenção do próprio ser, do próprio ato de ensinar.

Precisamos aprender a separar o joio do trigo, separar a burocratização da vida escolar, as exigências governamentais, os tradicionais rituais de escolarização do que realmente é o educar. Afinal, a “luta” que se entrava na atualidade nada mais é do que o estabelecimento de quais serão os objetivos reais da educação, e dos educadores. Se prevalecer o cumprimento de ritos, dias, horas e políticas, bom continuaremos reprodutores de uma lógica mercantilista que nos coloca no lugar de tarefeiros – cuja tarefa é domesticar o espírito de crianças e jovens - para que em alguns anos repetindo esses mesmos rituais possam se assujeitar aos demais rituais da sociedade sem problemas.

Se, por outro lado, escolhermos a aprendizagem como objetivo maior de nossos esforços, bem aí veremos surgir coisas novas, que ainda não conhecemos, mas que ousamos pensar serão melhores. E quem sabe, se os dias no futuro não forem tão simples como nos pareciam ser antes do vírus, talvez nossa sociedade esteja mais preparada para colocar vidas acima de ritos, valorizar mais o saber do que diplomas, enxergar aqueles que se dedicam ao conhecimento e à ciência com mais respeito e gratidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempo de pandemia, refletir sobre o cuidado de si se torna fundamental, assim como, pensar sobre o cuidado com o outro, pensar cuidado para o outro, afinal nossos estudantes, colegas e toda uma sociedade fragilizada está necessitando de cuidados. Cuidado esse que inicia pela manutenção da saúde física e mental dos educadores e se estende ao estabelecimento de relações saudáveis com as novas formas de ser e agir docentes nesse período. Saber mediar as relações tempo-espço e a perda das dimensões que separavam os tempos do trabalho e do pessoal, que emergem com novas roupagens e novas interações, são questões centrais para a não banalização do ato de ser professor, de ser estudante, de ensinar. Aqui reside um importante movimento de cuidado de si.

O desafio está posto. E ultrapassa a mera virtualização das atividades docentes. Não basta comprar softwares modernos para uso com fins pedagógicos se, no Brasil como um todo, a grande maioria dos estudantes não terá acesso a essas aulas. Sem internet, sem computador, sem compreensão das transformações do mundo, poderá um estudante da educação básica aprender a cuidar de si e dos demais nesse momento? E aqueles que possuem acesso, aprenderam apenas assistindo aulas virtuais, por mais interativas e midiáticas que elas sejam? Alguns sim, muitos não. As disparidades serão acentuadas. A desigualdade social se ampliará ainda mais. As oportunidades serão apenas para uma pequena parcela da população. Os tempos neoliberais, marcados pela mercantilização da educação mediada pelas tecnologias, tornam cada vez mais evidente a necessidade de repensar a educação e o ensino.

Ao pensar a educação, devemos, sobretudo, entender seu potencial enquanto agente transformador da realidade e não mero rito burocrático que por um lado instrumentaliza indivíduos para o mercado de trabalho e por outro libera os corpos de pais e mães trabalhadores para uma jornada maior nesse mesmo mercado. Não podemos aceitar que em nome da conclusão de um ano letivo, ou seja, em nome do cumprimento de um rito burocrático, que tal qual um entorpecente nos oferece, por algum tempo, a sensação de



estarmos novamente situados no plano da normalidade, sejamos coniventes com práticas segregacionistas dos estudantes e que não contemplam todas as dimensões do ser.

Partindo dessas constatações, defendemos que, no contexto atual, a autoformação docente se torna a principal ferramenta de reflexão sobre a atuação profissional. Autoformação não como um conceito abstrato que pressupõem que todos os educadores por algum tipo de iluminação estarão aptos a agirem nessa nova realidade. Mas sim, entendida como ato formativo que vem do conhecimento do contexto de seus estudantes, da experiência de cuidado de si, da vivência em sala de aula, da reflexão sobre o onde e o como de cada escola, sobre seu público-alvo: dessa reflexão e de cada contexto particular surgirão as estratégias a serem adotadas para a melhor forma de aprendizagem durante a pandemia, em alguns contextos o ensino remoto pode ser útil, mas mesmo assim não perde seu caráter segregador.

Portanto, cabe a nós, professores, pensarmos e discutirmos as (im)possibilidades de reinvenção de si enquanto profissionais, enquanto sujeitos, enquanto seres em um mundo em transformação, um mundo que se apresenta diferente do que era e que se abre em múltiplas alternativas de futuro: para o bem ou para o mal. Precisamos nos (re)conhecer, verificar nossas habilidades e competências, identificar nossas fragilidades e lacunas para, então, pensar em como dar conta de compreender o contexto da educação na era COVID-19 e buscar novas formas de aprender para ensinar. Assim, após as reflexões apresentadas, levantamo-nos como questão reflexiva: qual o caminho da autoformação docente em tempos de pandemia? É (im)possível esboçar uma resposta sem considerar a (im)possibilidade da reinvenção sem cuidado de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, N. L.; FELTRIN, T.; CASSOL, M. S.; ROUBUSTE, L. S.; BECKER, E. L. S. Reflexões sobre as tecnologias de informação e comunicação na escola pública por um viés autobiográfico. *Research, Society and Development*, v. 8, n.º. 13861029, 2019.

BATISTA, N. L.; FELTRIN, T.; BECKER, E. L. S. Autoformação docente e reflexões sobre vivências escolares. In: MONTEIRO, S. A. de S. (Org.). *Inquietações e Proposituras na Formação Docente*. 1ªed.Ponta Grossa/PR: Atena Editora, 2019, v. 1, p. 67-81.

BATISTA, N. L.; FELTRIN, T.; BECKER, E. L. S. *Uma reflexão sobre a inserção no espaço escolar e a (auto)formação docente como território de possibilidade*. In: DALLA CORTE, M. G.; SARTURI, R. C. (Org.). *V Seminário Internacional de Políticas Públicas da Educação Básica e Superior*, III Encontro de Políticas e Processos de Educação Superior e XI Semana Acadêmica do Curso de Especialização em Gestão Educacional da UFSM. 1ed.Santa Maria, RS: UFSM/CE, 2017, v. 1, p. 1094-1104.

BERRY, P. *O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL, *Decreto nº 5.622*, de 19 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 29 de abril de 2020.

CELÓRIO, J. A. *Narrativas e imaginários de professoras readaptadas: rumo a uma pedagogia da observância*. 2015. 247p. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2015.



CELÓRIO, J. A. Bioconto: Uma proposta teórico-metodológica. In: BRAGANÇA, I.F de S.; NAKAIAMA, B.C.S; TINTI, D. da S. (Org.). *Narrativas, formação e trabalho docente*. 1 ed. Curitiba: CRC, 2018, v.7, p.91-104.

FELTRIN, T.; BATISTA, N. L.; BECKER, E. L. S. A autoformação docente como território de possibilidade: uma reflexão sobre o espaço escolar. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 3, n°563, 2017.

FELTRIN, T.; BATISTA, N. L. O uso de tecnologias de informação e de comunicação por alunos de 6º ano de uma escola de periferia como possibilidade pedagógica. *Revista Percurso*. 2017, V.9, s.2. pp: 47-65

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. *Hermenêutica do Sujeito*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

LATOUR, B. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

SANTOS, L. G. *Desregulagens: Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo, Editora Record, 2001.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPODE, P. L. C. *Pobreza e privação social na área urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul: uma análise a partir dos usos do território*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2020.

TENDLER, S. *Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá*. [Filme – vídeo]. Produção e direção Sívio Tandler. Brasil, Calibran Produções, 2006. 1DVD, 89 minutos.

Submetido em julho de 2020

Aprovado em outubro de 2020

Informações do(a)s autor(a)(es)

Tascieli Feltrin. Doutoranda em Educação PPGE/UFSM. Mestra em Educação. Especialista em Gestão Escolar. Graduada em Letras Português/ Espanhol e respectivas literaturas.

Afiliação Institucional *E-mail*: Professora da Rede Municipal de Santa Maria. tascifeltrin@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4018-6749>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5820005433405126>.

Natália Lampert Batista, UFSM. natilbatista3@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1884-2340>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9721608652971809>.